

RESENHA CRÍTICA

CASTAÑEDA, Marina. O Machismo Invisível. Tradução: Christina de Malimpensa. São Paulo: Ed. Girafa, 2006.

Taís Fonseca da Silva PEREIRA ¹

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade Católica Don Orione. E-mail: tais04fonseca@gmail.com.

1. A Autora

Marina Castaneda nasceu no México no ano de 1956. Psicoterapeuta e conferencista renomada, desde 2014 é adida cultural da Embaixada do México na Bélgica. Sua bagagem intelectual contabiliza de mais de 350 artigos e 6 livros: *A Experiência Homossexual* (publicada no México, França, Itália e Brasil); *O Novo Homossexualismo* (publicado no México); *O Machismo Invisível* (publicado no México, Itália e Brasil);

O romance Amores Virtuales (publicado no México); *Ouçã* (publicado no México e na França). *O Machismo Ilustrado*, cômico escrito em parceria com Eva Lobatón e publicado no México.

2. A Obra

O Machismo Invisível, traduzido para o Português por Christina de Malimpensa, é uma obra que tem como pano de fundo reminiscências de trabalhos com pesquisa no dia-a-dia da psicoterapeuta

Marina Castañeda. Ao longo de 299 páginas, a autora denuncia aspectos sutis do machismo nem sempre desvelado, abordando com muita clareza questões como a moral e os discursos que ocorrem de forma dúbia. Além, disso, questões como lidar com as finanças nas relações heterossexuais, as inclinações femininas e masculinas que imbricam sempre para a validação, ou não, dos projetos de vida de homens e mulheres, independentemente do que circunda ao seu redor.

Marina Castañeda, de forma irrefutável, desvela as nuances das relações entre homens e mulheres, denunciando como as mulheres e suas atitudes equivocadas contribuem não somente para disseminação do machismo, mas também para sua aceitação. Ademais, demonstra como tanto mulheres quanto homens encontram-se presos nos átrios de um poder institucionalizado e, quiçá, envolto em estereótipos, características do machismo. A autora, analisa, também, como o machismo se transformou num fenômeno sociocultural, com consequências psicossociais na

vida de toda sociedade.

As ideias da autora se disseminam ao longo de dez capítulos e mais uma ampla introdução. Aqui promove um debate sobre temas como o machismo e sua invisibilidade, alertando para que este seja menos invisível. Discute, também, a oposição entre homens e mulheres, identificando o machismo como uma atitude relacional, mas chamando atenção para a contrapartida feminina, percebendo incongruências, ao mesmo tempo em que percebe a carência de especialistas nesta temática, considerando o enfoque psicológico.

No primeiro capítulo a autora identifica alguns mitos do machismo e, de forma incontestável, descreve as teorias essencialistas e construtivistas, os ritos da iniciação da masculinidade, e como isso favorece o domínio exercido pelos homens sobre as mulheres. Reflete, com lucidez, sobre a superestimação dos valores masculinos, a partir do senso comum de que os homens são fortes e as mulheres frágeis. Desenvolve uma linha de raciocínio que desmitifica teorias hormonais da masculinidade, quando a testosterona está associada à agressividade, num enfoque sociobiológico, em que os homens são vistos como polígamos e as mulheres na condição subordinada de donas de casa, criticando a justificação do machismo na sociedade em todas as sociedades.

O segundo capítulo traz uma série de argumentações sobre questões psicológicas e sociais do machismo, abordando temas como o que ocorre quando o homem se separa da mãe, a questão do Édipo, a adolescência e a idade adulta. Aborda questões como críticas femininas à psicanálise, as teorias Yunguiana e adlerianas do

machismo, o machismo em seu país de origem, o México. Os estudos de gênero, a masculinidade como uma questão cultural, ou mesmo antropológica e também, a homossexualidade e o polêmico jargão: “Como se aprende a ser homem”? (p. 75).

O capítulo três discute o machismo no âmbito da comunicação, abordando aspectos como mensagem e metagem, relações simétricas e assimétricas, intimidação física, expressões sociais de poder e o silêncio desse mesmo poder. Divaga, também, acerca da desvalorização do âmbito doméstico, as conversas, a diversas formas de se escutar, não se deixando tragar pelo silêncio a dois.

No capítulo quatro, a autora identifica e denuncia algumas “armadilhas do machismo” (p. 107), tais como a desqualificação, a falsa proteção às mulheres; a mulher invisível e pra sempre empregada do marido, a incoerência, o duplo vínculo (social e não pessoal), os discursos dúbios, a falsa negociação, aceite, afinal “é assim que sou” (p. 122). O poder da manipulação “ser macho é nunca ter que pedir perdão” (p. 125), a moral dupla e o sexo e o que custa essa “moral dupla” (p. 130).

O capítulo cinco apresenta as impressões da autora sobre o que ela nomeia como “o catálogo machista das emoções” (p. 133). De forma responsável e lúcida, Marina Castañeda discorre sobre aspectos como emoção e personalidade, analisando as relações de gênero, o medo, a solidão, a ternura, a vergonha e a sensibilidade estética. Analisa à luz das teorias da psicanálise, a intuição feminina, o ódio, o desejo sexual, o

orgulho e a hierarquização das emoções pessoais. Toca cuidadosamente na seara da independência masculina, dependência feminina, homens objetivos e mulheres subjetivas, a projeção dos sentimentos e o machismo emocional.

Já no capítulo seis, Marina Castañeda ataca com vigor a questão do machismo no lar, percebendo a existência de um “monopólio da maternidade” (p. 171), identificando a empregada como “ pilar doméstico do machismo” (p. 177), uma babá no tempo e no espaço predominantemente masculino. Discorre com competência sobre os papéis domésticos, o homem como provedor; paternidade e machismo. O papel da mãe, a sogra, o machismo entre as mulheres, o “machismo às avessas” (p. 198), o machismo entre gays e a pergunta que não quer calar: “o que podemos fazer?” (p. 201).

O sétimo capítulo navega na arena do sexo, do amor e da amizade, discutindo o “machismo sexual e a homofobia” (p. 208), identificando o homem ardente e irresistível imbricando para o que a autora chama de “panela de pressão” (p. 210), quando o homem se coloca como aquele que tem direito ao sexo, assumindo a primazia da penetração como algo inerente ao sexo masculino, não desprovido de poder. A moral dupla e o sexo, sexo e sacanagem e as diversas definições de amor. A amizade entre os sexos, entre homens e mulheres e entre mulheres e mulheres, entre homens e homens, e mais uma vez pergunta? O que podemos fazer?

No capítulo oito, a autora toca na difícil percepção da autoimagem e projeto de vida numa sociedade marcadamente machista. Coloca frente a frente

a autoimagem masculina e feminina, a linguagem corporal e suas diferentes facetas, a moda, o comer e beber, a virilidade. Discute com propriedade as expectativas de homens e mulheres, êxito masculino e feminino, êxito e fracasso, projetos de vida, discriminação e vocação no caudaloso universo da aceitação de si mesmo(a).

O capítulo nove apresenta conjecturas de Marina Castañeda sobre temas polêmicos como “machismo e dinheiro” (p. 269), tocando no delicado evento que do consumo na relação a dois, chamando atenção para uma ininterrupta negociação. Já o capítulo dez amplia o repertório discursivo abordando “os custos do machismo” (p. 283), chamando atenção para um evidente “feminismo invisível” (p. 284), denunciando os custos econômicos do machismo, mulheres e homens liberados, o machismo, simultaneamente obsoleto e ultrapassado.

3. Conclusão

Como podemos aferir, o texto trata de um tema que interessa a todos, tornando-se mesmo uma obra cuja leitura deve ser direcionada não somente ao ambiente acadêmico, mas principalmente para homens e mulheres de todas as idades e sem discriminação social ou gênero. Uma reflexão atenta da obra pode ajudar a todos nas relações interpessoais, promovendo um entendimento que favoreça a emergência da alteridade em sintonia com a complementaridade.

Finalmente, a autora percebe que a complementaridade vem compreendida, uma vez que homens e mulheres aproveitariam a vasta experiência acumulada por ambos os sexos. A

humanidade viveu até agora uma história dividida, seguiu caminhos paralelos, como se homens e mulheres constituíssem espécies diferentes. É hora de aprender uns com os outros. Trata-se de unir os caminhos, para que as mulheres tenham acesso ao imenso acervo de conhecimentos acumulados pelos homens, e estes sejam capazes

de aproveitar a sabedoria milenar das mulheres. A equidade não é apenas uma questão de justiça elementar; dela depende a solução dos problemas que assolam a humanidade desde tempos imemoriais. A longo prazo, não se trata apenas de mudar a relação entre homens e mulheres, mas de ampliar o alcance da condição humana (p. 298).